



TECNOLOGIAS, FOTOGRAFIA, SÍNDROME DE DOWN E INCLUSÃO SOCIAL ¹

Neli Klix Freitas ²

Universidade do Estado de Santa Catarina

Helene Paraskevi Anastasiou³

PPGAV/UDESC

Resumo

O artigo apresenta um aporte teórico sobre a importância das novas tecnologias e da imagem em educação e na vida em sociedade. O texto assinala que a tecnologia e as imagens da cultura visual são de grande importância em tempos de inclusão social. Particularizando casos de síndrome de Down, o texto apresenta uma atividade de pesquisa realizada em uma ONG em Santa Catarina, contemplando a inserção de novas tecnologias, mais especificamente a fotografia, articulando linguagens e focalizando a aprendizagem em interação social.

Palavras-Chave: imagens; Fotografia; Tecnologia; Síndrome de Down; Inclusão Social

A sociedade contemporânea convive com uma série de artefatos, que estão presentes no cotidiano dos seres humanos, interferindo em suas formas de comunicação, de interação, de registro e de recuperação. Os repertórios cognitivos são diferentes, quando comparados com as sociedades que viviam com a oralidade.

A hegemonia do conhecimento nos tempos atuais exige novas percepções e táticas de ação por parte de todos os segmentos da sociedade. Um duplo desafio se impõe: um implica na escolha entre um totalitarismo sem

¹ Relato de Pesquisa desenvolvida em uma ONG de Santa Catarina

² Docente Efetiva da UDESC. Dra. em Psicologia. Docente Permanente do PPGAV-UDESC

³ Mestranda, PPGAV-UDESC, bolsista Capes. Artista Plástica formada pela EMBAP-PR.

limites, onde o controle dos fluxos de informação e de comunicação fica nas mãos de poucas mega-corporações. O segundo insere-se na demanda direta por novas metodologias que contemplem a todos, talvez descortinando-se pela primeira vez na história, como possibilidade concreta de acesso universal à informação. Nesse contexto, a educação ocupa lugar de destaque: os excluídos da educação são também os excluídos do mundo informacional, que se desenha cada vez mais com maior nitidez. Entretanto é necessário absorver essas mudanças. Um modelo tradicional em educação não consegue atender as solicitações desse admirável mundo novo. Essas considerações são particularmente importantes em tempos de inclusão, em educação e na vida em sociedade.

O processo educativo necessita ser concebido como área aberta, Desse modo, muito se tem a ganhar em termos de criatividade e de potencialidades, com múltiplas abordagens transversais. Trata-se de um convite para que nos debrucemos sobre a problemática da educação, que ainda não acompanha a velocidade do universo comunicacional, apesar dos avanços que podem ser evidenciados particularmente nas duas últimas décadas. Pierre Lévy e Michel Authier (1995) permeiam nossos estudos, ao defender uma extensão das ações educativas a todos os segmentos sociais, permeando as relações e abrindo outros horizontes bem mais amplos, através do reconhecimento de saberes tradicionalmente negados pela pedagogia oficial. Trata-se de uma visão em que as fronteiras entre diferentes áreas do conhecimento devem ser mais permeáveis, contemplando a oralidade e as linguagens não-verbais. Não uma ou outra, mas a interação entre as linguagens, trazendo a fotografia, o desenho no computador, articulando elementos da cultura visual com a tradição da oralidade, que tem como centro a escrita e a linguagem oral.

Ao referir as linguagens não-verbais consideramos as atividades do jogo, as brincadeiras, os contos de fadas, a roda de histórias, o desenho, as imagens da cultura visual, as novas tecnologias, como a televisão, o computador, o telefone celular, hoje presentes no cotidiano dos alunos e das famílias. Não é apenas a linguagem verbal que permeia o cotidiano da escola e das famílias, e este é um desafio que remete à formação de professores, buscando contemplar outras propostas didáticas e pedagógicas. Estas

questões são particularmente relevantes quando há estudantes incluídos com síndrome de Down, pelas dificuldades que apresentam na linguagem oral e escrita. Chama ainda mais para a reflexão quando pessoas com síndrome de Down passam da idade em que as escolas regulares de ensino acolhem os jovens, ou seja, pessoas adultas, mas com necessidades especiais. Nessas circunstâncias, pode-se dizer que a inclusão perpassa os muros das escolas, atingindo outros segmentos sociais, dentre as quais referimos as Organizações não-Governamentais, as ONGs, com seus programas e cursos voltados para o público de diferentes faixas etárias.

Uma ONG pode ser um lugar social onde se constroem as sistematizações da linguagem pelas relações e mediações com o mundo concreto. Porém é também um lugar de encontro com as subjetividades, manifestas por diversos meios expressivos. As combinações entre as subjetividades e as objetividades da linguagem criam um universo de significações no repertório das crianças e dos jovens, nem sempre conhecido, ou considerado pelos professores nas escolas de ensino regular. Trata-se de dimensões estéticas e éticas, que instigam o olhar em direção ao modo como os sujeitos do processo educativo, professores e alunos se mobilizam e se inserem no amplo espectro que caracteriza o universo visual, integrando a cognição humana, nas dimensões fisiológica, emocional e social.

Esta consideração traz a percepção de que os tempos e as situações propícias para a aprendizagem são diversos, uma vez que os alunos apresentam ritmos cognitivos distintos. Os processos pelos quais constroem e elaboram conhecimento, e os modos de articulação dependem também das condições sócio-culturais nas quais se encontram.

Gutierrez (2001) afirmou que a linguagem humana é um modo pelo qual o ser se expressa em sua essência, como forma de constituir-se, irradiar-se. A limitação do desenvolvimento da linguagem nos contextos escolares ocorre quando estes se estruturam tão somente em critérios racionais e cognitivos na formação de professores, na elaboração dos currículos e, conseqüentemente nos procedimentos metodológicos presentes nas salas de aula.

Nessa perspectiva desconsideram as linguagens não-verbais, que expressam outras dimensões possíveis de serem exploradas nos processos pedagógicos. Reconhece-se a educação como um campo multifacetado, cujas pesquisas e experiências podem compreender os sujeitos escolares a partir de sua relação com a diversidade e a inclusão, na qual interagem as linguagens e as expressões desses sujeitos, como o desenho, o trabalho pedagógico com as imagens da cultura visual, das novas mídias e tecnologias, dentre as quais citamos o computador, a televisão, dentre outras. Cada vez mais o professor é um mediador, nesta perspectiva. E não é sempre nas escolas que os professores podem trabalhar com questões de ensino e de aprendizagem (FREITAS;TEIXEIRA, 2010)

Se o conhecimento é múltiplo, variado, não estanque; se o processo de transmissão de ensinamentos não se restringe às escolas, mas se dilui pelas malhas da rede social, é de grande importância que se repense todo o processo de formação de professores, em diferentes níveis, para atuar no contexto dessa sociedade do conhecimento. É fundamental que as Políticas Públicas estejam comprometidas com os processos formativos, com os recursos advindos das novas tecnologias, preparando o educador para uma atitude aberta perante o e no mundo, pronto para aceitar o novo e a promovê-lo, ajudando a desenvolver nas pessoas com quem se relaciona um processo de subjetivação autônomo e singular; em outras palavras, o educador deve estar preparado para o principal desafio que se lhe coloca hoje, que é o de produzir novas potencialidades (GUATTARI, 1992).

O desafio que se impõe é o estudo dos meios de comunicação, incorporando as manifestações da cultura e as novas tecnologias da informação, e a educação deve-se aproximar desses lugares culturais, nos quais as crianças, os jovens, os adultos maduros e os idosos encontram hoje muitas de suas referências. O ser humano de nosso tempo necessita dominar conceitos básicos de aprendizagem, exercitar outros conceitos também fundamentais, que incluem a ética e a cidadania. Deve ter o direito assegurado para utilizar novas tecnologias de informação, hoje consideradas como imprescindíveis no processo de construção do conhecimento (LÉVY, 1999).

Essa almejada formação geral do indivíduo depende das instituições formadoras de professores, da competência desses professores para proporcionar comparações com práticas que vêm sendo realizadas nas escolas, da pesquisa e da presença de conteúdos tecnológicos atualizados (COLL, PALACIOS e MARCHESI, 1998).

O conhecimento que advém das novas tecnologias de informação e comunicação forma um cosmos com múltiplas realidades. A técnica surge para auxiliar o ser humano a assimilar a condição humana da sociedade do novo milênio (CASTELLS, 1999).

Questiona-se então: como não integrar as tecnologias e não ressignificar os paradigmas do processo ensino e aprendizagem, se a própria condição humana está sendo influenciada na sua amplitude pelas novas tecnologias e suas possibilidades. O processo de construção do conhecimento, de acordo com as novas tecnologias, considera as características de flexibilidade e de virtualidade. Assim, pensando nessas questões, entende-se que o processo educativo atualmente passa pela interface da relação homem-técnica. Na perspectiva pedagógica, a importância das novas tecnologias da informação e da comunicação está além dos interesses econômicos para o ser humano, e passou a integrar um coletivo na formação por meios tecnológicos. Inclui domínios de pesquisa, pela classificação, análise, leitura de textos e de imagens, a representação em redes de procedimentos e estratégias de comunicação (PERRENOUD, 2000).

Ao falar nas novas tecnologias é importante referir que grande parte da população, no Brasil, ainda possui acesso restrito, pouco e/ou nenhum acesso a elas. Em casos de pessoas com necessidades especiais esta questão merece análise e investimento, uma vez que há necessidade de adequações nos equipamentos, que facilitem seu manejo e utilização. Não se pode deixar de considerar as novas iniciativas atuais que, em um tempo breve, possivelmente, sejam capazes de democratizar plenamente o acesso, criando novas oportunidades e possibilidades de consumo de tecnologias. A sociedade em que vivemos afastou-se da sociedade industrial ao construir a sociedade da informação, ou, mais especificamente, a sociedade do conhecimento. O

contexto associa características de revisão contínua, um grau crescente de complexidade. Conhecimento e educação passam a exercer um novo fascínio (BRASIL, 2000).

A inserção de novas tecnologias da informação em educação exerce um grande fascínio e altera modos de convivência humana. Trata-se de novas perspectivas, que acenam para mudanças, mas que necessitam de uma análise crítica constante e da atividade de pesquisa, para que os seres humanos possam refletir sobre essa dinâmica que hoje não pode ser negada. Por outro lado, se as novas tecnologias fascinam e são eficazes na resolução de problemas humanos e sociais, há necessidade de investimentos da iniciativa pública e privada, em articulação, nessa área.

Na realidade, o mundo contemporâneo exige mudanças na formação dos indivíduos. É necessário redefinir as funções das instituições de ensino, adequando os saberes transmitidos e construídos às necessidades e demandas da sociedade atual. A educação deve ser capaz de superar dicotomias entre o global, o local, o universal e o particular (HERNÁNDEZ, 1998).

Não se pode negar que as tecnologias da informação são protagonistas da nova sociedade do conhecimento. A capacidade de armazenamento, o processamento e a transmissão permitem uma circulação inimaginável de informações. As bibliotecas e os Bancos de Dados altamente necessários à condução e efetivação de pesquisas são beneficiados pelas novas tecnologias da informação e da comunicação.

Entretanto, a reflexão sobre o isolamento diante da navegação em rede pode conduzir os seres humanos ao silêncio e ao isolamento, o que parece paradoxal. É importante que cada um possa criar esquemas de significação para o fluxo de informações, para que a sociedade não sofra o impacto do caos resultante do silêncio dos seres humanos (ECO, 1987).

No cenário que, durante anos, alimentaram-se questões excludentes em educação e sobre as práticas de professores, múltiplas mudanças se configuram no início do século XXI, associadas com novos mapas cognitivos,

vinculadas às novas tecnologias da informação. Nas mais variadas áreas do conhecimento, a presença das novas tecnologias vem merecendo destaque nas reflexões curriculares. Trata-se de diferentes formas de representação, capazes de fornecer uma leitura sistemática da nova era. Mas, as desigualdades no acesso a essas inovações advindas da informática e da tecnologia não devem ser desconsideradas. Também não pode ignorar que as tecnologias computacionais de informação e de comunicação, associadas com a Internet possibilitam o acesso às informações de modo global, ocorrendo uma socialização de memórias e de informações.

Uma das questões centrais que determina mudanças nada mais é do que a evidência do surgimento de novas luzes no bojo do desenvolvimento da humanidade, impregnada pela inclusão do tempo, da história e do sujeito como ator/construtor, precipitando crises conceituais diante das novas tecnologias. Essas crises geram a desacomodação, que é fundamental para os exercícios criativos, que estão na base do conhecimento. As novas tecnologias da informação apresentam perspectivas de inovação, mas exigem investimento por parte dos governos. Nessa direção, a comunicação em redes facilita o processo de construção do conhecimento, e necessita ser estimulada. Inclusive, o desafio que se apresenta é o de multiplicar ações em rede entre diferentes culturas, socializando o saber. Concorde-se com Morin (2000) que o desafio da globalidade é também um desafio de complexidade. Assim, as novas tecnologias devem ser integradas também aos processos de formação continuada de professores, multiplicando informações e acenando para novos rumos no cenário sócio educativo e na inclusão social de pessoas com necessidades especiais.

Percurso Metodológico: Atividade de Coleta e Apresentação de Dados

A atividade foi realizada em uma ONG, em Santa Catarina, com pessoas com síndrome de Down, na faixa etária compreendida entre 20 e 31 anos. Inicialmente, a proposta apresentada ao grupo foi a de que criassem uma história e fotografassem o processo, ou seja, a história criada em andamento.

O grupo escolheu o dia da mentira (1º de abril) como tema de referência, assunto que havia sido discutido coletivamente.

A partir do dia da mentira e de um grilo feito de grama, os participantes criaram uma história análoga a história do Pinóquio, onde o grilo é a consciência e por isso deveria ser escondido e depois procurado até ser encontrado por todos.

Enquanto alguns participantes procuravam o grilo, outros fotografavam e registravam o processo. Ao final, todos conversaram sobre como sentiam o ato de mentir e como achavam que funcionava sua consciência.

A maior parte do grupo demonstrou familiaridade com o uso da máquina fotográfica, tendo sido necessária fazer a mediação com alguns menos experientes. Interessaram-se imediatamente pela proposta no uso da tecnologia, interagindo um com os outros e ensinando os colegas que tinham mais dificuldade.



Figura 1- A Busca



Figura 2- O Jardim



Figura 3- O grupo



Figura 4- Mais Procura



Figura 5- Achando o Grilo

Considerações Finais

Na atividade desenvolvida com pessoas com síndrome de Down foi possível constatar que houve integração e exercício da imaginação com o emprego da fotografia. O manuseio do equipamento, a escuta das orientações da professora, o exercício grupal constituem momentos de aprendizagem. Concorde-se com Vygotsky (1984;1996) de que a experiência e a integração social são elementos que favorecem diferentes aprendizagens. Quanto maior a interação social, melhor será a aprendizagem e, quanto mais conteúdos de aprendizagem cada ser humano tiver a possibilidade de adquirir e de exercitar, melhor será seu desenvolvimento. Há uma interação dialética. Vygotsky refere que a criança realiza as atividades de acordo com o que conhece. Assim, partindo dessas considerações, integrando a tecnologia na produção de imagens fotográficas, a atividade desenvolvida com pessoas com síndrome de Down possibilitou a inclusão social, o que coincide com as novas propostas presentes na sociedade do conhecimento, na contemporaneidade.

As implicações da inclusão para os educadores são a construção de uma pedagogia da diferença, que não realce o exotismo, nem endemoninhe o outro, mas que busque locar a diferença tanto em sua especificidade, quanto em sua capacidade de formar posições para relações sociais e práticas culturais criticamente engajadas, ao estimular e valorizar a aprendizagem da criança e do jovem, com ou sem necessidades especiais, como um ser que se expressa, imagina e cria.

Referências

- BRASIL **Sociedade da Informação no Brasil**. MCT: Ministério da Ciência e Tecnologia. Brasília: Livro Verde, 2000.
- CASTELLS, Manuel. **A Sociedade em Rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- COLL, Cesar.; PALACIOS, Jesús.; MARCHESI, Alvaro. **Psicologia da Educação Escolar**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

- ECO, Umberto. **Apocalipse**. Postponet. Bloomington: Indiana University Press, 1990
- FREITAS, Neli Klix; TEIXEIRA, Rosanny Moraes. Imagens e Linguagens não-verbais no Ensino Inclusivo da Arte .IN: FREITAS, Neli Klix; OLIVEIRA, Sandra Ramalho. **Proposições Interativas: Arte, Pesquisa e Ensino**. Florianópolis: Ed. UDESC/ IOESC, 2010, p.107-124
- HERNÁNDEZ, Fernando. **Transgressão e Mudança na Educação: os projetos de trabalho**. Porto Alegre: ARTMED, 1998.
- GUATTARI, Felix. **Caosmose: um novo paradigma estético**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.
- GUTIERREZ, Francisco. **Linguagem Total: uma pedagogia dos meios de comunicação**. São Paulo: Summus, 1978.
- LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1999.
- LÉVY, Pierre.; AUTHIER, Michel. **As árvores do conhecimento**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995
- MORIN, Edgar: **A cabeça bem feita**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.
- PERRENOUD, Philippe. **Dez novas competências para ensinar**. Porto Alegre: ARTMED, 2000.
- VYGOTSKY, Lev S.. **Psicologia Pedagógica**. São Paulo: Martins Fontes, 1984.
- VYGOTSKY, Lev S. **La Imaginación y la Arte en la Infancia**. Espanha: Akal, 1996